



Ensino à distância - eu, professora, me confesso

Cristina Street

Fomos todos apanhados de surpresa. Um dia desejamos as boas vindas ao ano do rato, na algazarra habitual de uma interrupção letiva, no outro engolimos em seco uma epidemia traiçoeira que abraça o abraço, beija o beijo e é levada pelas palavras. O espírito já não compadece e à tosse olham-nos de lado. O mundo era outro.

A pandemia do coronavírus chegava a Macau. As portas fechavam-se e a quarentena e o isolamento social impostos levaram as escolas a procurar soluções para minimizar a perda de aulas e a ausência física humana.

Quase de um dia para o outro, constatei a nossa organização, de professores e direção da escola, que em momentos de crise somos todos um só e, cegamente, optamos pela via de um esforço comum para pormos em prática uma docência ameaçada. Foi imediata a adesão às plataformas digitais, que outrora eram um complemento e agora se tornavam imprescindíveis à prática letiva. Selecionou-se o *classroom* e após uma formação rápida online, atirámo-nos ao estudo das suas múltiplas funcionalidades e à criação de materiais que, forçosamente, eram diferentes dos habituais pois tinham que se explicar por si só, para que o autoestudo em regime domiciliário estivesse ao alcance dos nossos discentes. Houve toda uma preparação prévia, desde o uso incansável do correio eletrónico à constituição de grupos *whatsapp*, para que as aulas recomeçassem e os alunos e as suas famílias pudessem sentir que o acompanhamento do professor estava pronto para se reinventar.

A solidariedade cruzou-se na partilha de materiais e numa aprendizagem comum. O tempo deixou de existir, as horas eram todas oportunas entre os professores e nasceram as videochamadas para entendermos e nos entendermos. Sei de colegas que saíram de casa, propositadamente, para adquirirem uma câmara ou um microfone que não tinham, ou que se deslocaram à escola para fazerem uso de um computador mais moderno, ou de uma rede mais rápida, ou, simplesmente, do quadro branco ao fundo da sala de aula. Também sei de outros, como eu, que foram até à mesma escola para que o cenário da aula online fosse familiar e uma árvore de *lai-sis* construída pelos alunos, ainda ontem, os transportasse para aquela que era a sua sala. Houve ainda quem fotografasse um recanto da sala de aula e criasse um cenário virtual. Houve de tudo. Tudo para que os alunos embora em casa, mantivessem o foco na escola e a reconhecessem no ecrã e na face saudosa do professor e dos colegas, através da plataforma *zoom*. Tudo para que alguma normalidade decorresse e o quotidiano dos alunos fosse menos abalado e solitário.

Sei que alunos e encarregados de educação se queixaram do excesso de tarefas que fomos atribuindo. Com razão, reconheço. Sou diretora de turma e garanto que não foi nada fácil gerir todas estas emoções e angústias. Mas, pais e encarregados de educação, os vossos educandos são os nossos alunos. “O outro também nos faz a nós”, disse Emmanuel Levinas, logo é importante perceber que quando dizemos “nossos alunos” estamos a empregar muito mais do que um possessivo. Estamos a falar de uma relação estreita entre nós e os outros. Não é à toa que a sabedoria popular repete “a escola é a minha segunda casa” ou “a escola é a minha segunda família”. Somos professores, mas acima de tudo somos humanos, no sentido total da palavra. A ideia de que os nossos alunos ficariam em casa sem um plano de autoestudo que os orientasse, assustou-nos. Daí que arquitetássemos inúmeras soluções para dar continuidade às atividades letivas. Sim, talvez tivéssemos exagerado um



pouco. Eu, professora, me confesso. Mas crescemos com os nossos erros e as nossas conquistas em “família” e daí esta ser a nossa grande referência ao longo da vida. Compreendam que a desorientação expectável dos mais pequenos e a incerteza do futuro, nomeadamente em anos de exame nacional, justificou a nossa preocupação. O nosso excesso. Ninguém estava preparado para isto.

Com efeito, no contacto diário, em grupo ou individualmente, com os nossos muitos alunos fomos corrigindo e corrigindo e adaptando mil e uma estratégias de trabalho alternativo, sempre na esperança e na determinação de minimizar os efeitos negativos da suspensão das aulas presenciais, consolidando aprendizagens desejadas. Assim se transformaram casas em salas de aula improvisadas, silenciaram-se famílias por instantes, criaram-se horários possíveis, tentaram-se rotinas de estudo e o professor, àquela hora, em ponto, entrava pela casa adentro. Um apoio sem precedentes à função dos educadores.

Importa, por isso, ter esta consciência e ficarmos mais atentos uns aos outros. Dentro e fora da família.



Vocabulário

1. isolamento social --- 家居隔離
2. plataformas digitais --- 網上平台
3. prática letiva--- 教學活動
4. múltiplas funcionalidades --- 多功能性
5. autoestudo --- 自學
6. correio eletrónico --- 電郵
7. grupos whatsapp--- whatsapp 群組
8. videochamadas--- 視像通訊
9. aula online--- 網上課堂
10. cenário virtual--- 虛擬場景



Uso de palavras / expressões

1. “apanhados de surpresa”

Significa ficar surpreendido, acontecer alguma coisa de que não se está à espera.

Exemplo:

Seremos apanhados de surpresa quando acontecer alguma coisa em termos de situação energética, e só então agiremos.

2. “engolimos em seco”

Significa ficar preocupado, nervoso, aflito.

Exemplo:

Engoliu em seco e saiu sem responder ao chefe.